



v 2, n. 3 (2012)

UMA REFLEXÃO SOBRE A PEDAGOGIA LIBERTÁRIA E A PEDAGOGIA CRÍTICA

Jacob Ernesto Klein¹
Luciano Ricardo Nascimento²

RESUMO: Este estudo teve como tema a discussão sobre as aproximações e as convergências da Pedagogia Libertária e da Pedagogia Crítica. A Pedagogia Libertária, idealizada pelos anarquistas entendia que a educação seria o caminho ideal para se atingir uma sociedade mais justa, igualitária e solidária; apregoavam a educação integral do homem e a abolição de castigos e prêmios; portanto, as propostas educativas dos anarquistas centravam-se no ensino anti-autoritário, no ensino integral, na educação e na revolução. Os anarquistas acreditavam que a educação seria o pilar para as transformações sociais e emancipação das pessoas. A Teoria Crítica e os teóricos críticos pretendiam desenvolver nas classes dominadas o poder de transformar os abismos que assolavam a sociedade. A educação para tais teóricos tinha como escopo a reflexão, pois quando os dominados refletem sobre sua situação atual, se conscientizam que estão inseridos em uma sociedade onde imperam a exclusão, a injustiça e a opressão. Assim, dentre as aproximações e convergências existentes na Pedagogia Libertária e na Pedagogia Crítica destacou-se a busca pelo desenvolvimento de indivíduos conscientes e reflexivos sobre os males que assombram a sociedade e na busca de meios para que tais males sejam extinguidos.

Palavras-chave: Anarquismo; Pedagogia libertária; Pedagogia Crítica.

ABSTRACT: The study had as its theme the discussion about the similarities and convergences of Libertarian Education and Critical Pedagogy. The Libertarian Education, created by the anarchists believed that education would be the ideal way to achieve a fairer, more equitable and inclusive; touted education of man and the abolition of punishments and rewards, so the educational proposals of the anarchists were focused anti-authoritarian education, comprehensive education, education and revolution. The anarchists believed that education was the cornerstone for social transformation and empowerment of people. Critical Theory and Critical Theorists wishing to develop in classes dominated the power of turning the chasms that plagued society. Education for such theorists had scoped reflection, because when the dominated reflect on their current situation, become aware they are inserted in a society where exclusion prevail, injustice and oppression. Thus, among the similarities and convergences in existing Libertarian Education and Critical Pedagogy stood out to search for the development of individuals conscious and reflective about the evils plaguing the society and to find ways for these evils are exhausted.

Keywords: Anarchism; Libertarian pedagogy; Critical Pedagogy.

¹ Pós-doc. em Filosofia da Educação - Universidade de Campinas. - E-mail: ernestojacobk@gmail.com.

² Mestrando em Educação - Universidade Regional de Blumenau - E-mail: cinebludvd@hotmail.com.

Introdução

Este artigo debate os pontos marcantes entre a Pedagogia Libertária e a Pedagogia Crítica, além de apontar, a fim de apontar aproximações e convergências. A Pedagogia Libertária, apregoada pelo anarquismo, em suas idéias libertárias, emoldurou no século XVIII, tendo seu ápice nos séculos XIX e XX, a enxergava a educação e a instrução imprescindíveis para que as pessoas conquistassem sua liberdade; não ficassem alienados. Para se tornarem conscientes da importância da busca pela liberdade e da luta contra a dominação, opressão, injustiças e desigualdades que maculavam a sociedade, as instituições escolares defendidas pelos anarquistas enfatizavam a formação do homem de forma integral; a abolição de prêmios e castigos; a igualdade e a solidariedade.

Por sua vez, a Pedagogia Crítica, por meio dos teóricos críticos, tinham como escopo fortalecer as classes sem poder e lutar contra as desigualdades e injustiças sociais existentes na sociedade. A Teoria Crítica via a educação como forma de instigar a reflexão dos dominados referente à sua situação social. Neste contexto, o trabalho teve como objetivo geral demonstrar as convergências e aproximações da Pedagogia Libertária e com a Pedagogia Crítica. Por meio da pesquisa bibliográfica em livros e também em material colhido da internet, pretendeu-se demonstrar que tais teorias têm pontos convergentes e aproximações.

1. Traços Marcantes da Pedagogia Libertária

Os fatos históricos que marcaram a pedagogia libertária se misturam com outros fatos que distinguiram outras alternativas pedagógicas de cunho não-autoritárias. O anarquismo e/ou as idéias libertárias tiveram sua ascendência no século XVIII e seu apogeu, sua idade dourada, no século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Vares³ considera que “as instituições anarquistas e/ou libertárias acabaram rompendo o bloqueio e revelando-se como uma surpreendente modernidade para o questionamento teórico e prática da sociedade autoritária.”

³ VARES, Luiz Pilla. O anarquismo: promessas de liberdade. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1988, p. 7.

Destaca-se que as ideias anarquistas tiveram uma estreita ligação com a ampliação do movimento operário que nasceu paralelamente à burguesia e aos meios de produção capitalista. Vares (1988) salienta que os anarquistas estiveram presentes em todos os grandes acontecimentos sociais do século XIX e XX, como por exemplo, na Revolução de 1848 e a Comuna de Paris(1871) na França, na Revolução Russa de 1917, na Alemanha e na Itália, em 1918, e na Espanha em 1936.

A palavra ‘anarquismo’, é bem antiga, advinda da Grécia, composta de “an e arke, significando ausência de autoridade ou de governo [...] o verbete anarquismo, é definido como a doutrina e o movimento que rejeita o princípio da autoridade política e sustenta que a ordem social é possível e desejável sem esta autoridade”⁴. Rodrigues (1988) relata que o anarquismo é a doutrina dos anarquistas, sendo caracterizada como uma “nova ordem social, baseada na liberdade, na qual a produção, o consumo e a educação devem satisfazer às necessidades de cada um e de todos”⁵; os anarquistas defendiam a substituição da organização cogente pela organização livre; o anarquismo é dito como uma filosofia de vida, recusa a aceitar que o homem necessite de governo. Gallo (1998) concebe a educação anarquista, a pedagogia libertária, essencialmente, como uma educação focada na liberdade. Buscava-se formar pessoas livres para uma sociedade livre, já que o anarquismo enxergava a liberdade como pilar imprescindível de toda a ação social. Nesse contexto, na concepção anarquista, a educação:

[...] e a instrução são de fundamental importância para a conquista da liberdade, pois é através da educação – seja aquela institucional, realizada nas escolas, seja aquela informal, realizada pela família e pela sociedade como um todo – que as pessoas entram em contato com toda a cultura já produzida pela humanidade, desde seus primórdios. [...] a educação pode assumir um importante papel de desalienação e ser de grande importância na luta pela liberdade. [...] a liberdade é algo que deve ser aprendido, construído e conquistado coletivamente, e portanto, não um dom divino que possuímos já desde o nascimento. Desta forma, uma educação para liberdade não é necessariamente uma educação pela liberdade [...]. Mais importante do que deixar as crianças ‘livres’ sem nenhum tipo de interferência, é interferir de fato no processo, mas com o propósito de fazê-las aprender a conquistar e construir a liberdade⁶.

⁴ Ibidem, p.20.

⁵ OITICICA, José. A doutrina anarquista ao alcance de todos. 2. ed. São Paulo: Econômica Ed, 1983., p. 15.

⁶ GALLO, Sílvio. Educação e liberdade. In: FREITAS, Francisco Estigarribia de; CORRÊA, Guilherme ,Carlos. Encontro de educação libertária: textos. Santa Maria: UFSM, 1998,p. 20a

Os anarquistas enxergavam que, por meio da instrução e da educação, as pessoas conseguiriam conquistar a liberdade. Por intermédio da educação seja a fornecida pelas escolas ou pela família, as pessoas teriam contato com a cultura construída pela humanidade. Por mediação da educação, as pessoas não se tornariam alienadas e se tornarem conscientes da relevância da luta pela liberdade. A liberdade seria algo a ser aprendido, difundido de forma coletiva. A educação não teria como essência a educação pela liberdade, mas sim, com o papel de interventora no processo de aprendizagem.

Pey (1998) lembra que a educação anarquista defendia a formação de homem integral, e por consequência, uma instrução que atingisse e formasse “o corpo e a mente, sem separá-los, um fazer-pensar em liberdade, solidariedade e anti-autoritarismo”⁷. As denominadas escolas anarquistas, como eram ditas pelos libertários, não tinham como peculiaridade o ensino por meio de disciplinas, como as instituições tradicionais, mas sim, por cursos ou atividades, como por exemplo, de datilografia e leitura. O ensino libertário tinha como característica, portanto, vertido em temas e atividades do interesse e competências que pessoas que assumissem o papel de professores em função de tais competências.

Desta forma, as chamadas escolas anarquistas:

[...] desempenharam e desempenham um papel aglutinador do saber, resistindo o papel de fragmentador do conhecimento, separador do pensar e do fazer, hierarquizador do saber e da ciência, que as disciplinas escolares não cessam de produzir enquanto entendidas como pacotes de conhecimento sistematizado e acumulado historicamente. O fato do papel do professor na chamada escola anarquista não ser fixo – ora ele é aluno, ora ele é professor – , nem ser resultado de obtenção de um diploma acadêmico – professor é quem tem autoridade conferida por saber alguma coisa [...] ⁸.

As escolas anarquistas realizaram um papel de aglutinadoras do saber e os professores, ora também alunos, lecionavam por terem determinados conhecimentos que poderiam ser repassados.

No quadro 1, a seguir pode-se observar algumas peculiaridades das chamadas escolas anarquistas:

⁷ PEY, Maria Oly. Um pouco do que se pesquisou nas décadas de 80 e 90 sobre educação libertária. In: FREITAS, Francisco Estigarribia de; CORRÊA, Guilherme Carlos. Encontro de educação libertária: textos. Santa Maria: UFSM, 1998, p. 42.

⁸ PEY, Maria Oly. Um pouco do que se pesquisou nas décadas de 80 e 90 sobre educação libertária. In: FREITAS, Francisco Estigarribia de; CORRÊA, Guilherme Carlos. Encontro de educação libertária: textos. Santa Maria: UFSM, 1998, p. 43.

ALGUMAS DAS PECULIARIDADES DAS CHAMADAS ESCOLAS ANARQUISTAS	<p>A chamada escola anarquista teve e tem um diretor ou uma diretora, que também assume o papel de docente em função do que sabe, e também lava pratos e faz a comida no refeitório de acordo com a rotina assumida num regime de democracia direta. Isso não acontece em qualquer escola comum que só funciona com papéis rigidamente estabelecidos – alunos, professores, administradores – e com organização piramidal fixa, onde a base é constituída por alunos, encabeçada por orientadores [...] e sendo o ápice a direção. Neste sentido, a escola anarquista desmancha hierarquias funcionais, estabelecendo uma rede de trocas, onde a autoridade do saber é considerada.</p>
	<p>Na chamada escola anarquista aboliram os prêmios e os castigos, esvaziando-se assim os mecanismos competitivos e desestimulando o que se poderia chamar de cinismo estudantil.</p>
	<p>Na chamada escola anarquista as atividades requerem os tempos variados que seus participantes exigem e acontecem quando do interesse dos participantes.</p>

(Quadro 1: Algumas das peculiaridades das chamadas escolas anarquistas. Fonte:⁹

Dentre as peculiaridades apontadas das chamadas escolas anarquistas, têm-se o regime de democracia direta, onde a autoridade do saber é o que vale; onde todos exercem os mais variados papéis. As recompensas e as punições eram inexistentes, com o objetivo de minar a competitividade. Nas escolas chamadas anarquistas as atividades exigiam tempos diferentes, definidos pelos próprios participantes. Para Gallo, o objetivo da educação libertária era “educar a pessoa para que ela seja o que realmente é. Consciente de si mesma, de suas singularidades, de suas diferenças e da importância de seu relacionamento com o grupo social para a construção coletiva da liberdade.”¹⁰

Como se nota, a educação preconizada pelos anarquistas tinha como bússolas o ensino anti-autoritário, onde a autoridade era exercida por quem detinha o conhecimento ou as competências essenciais para ensinar; na crítica aos prêmios e aos castigos, por entender que em ações instigavam a competitividade. Contudo, deve-se lembrar ainda

⁹ PEY, Maria Oly. Um pouco do que se pesquisou nas décadas de 80 e 90 sobre educação libertária. In: FREITAS, Francisco Estigarribia de; CORRÊA, Guilherme Carlos. Encontro de educação libertária: textos. Santa Maria: UFSM, 1998, p. 44..

¹⁰ GALLO, Sílvio. Educação e liberdade. In: FREITAS, Francisco Estigarribia de; CORRÊA, Guilherme Carlos. Encontro de educação libertária: textos. Santa Maria: UFSM, 1998, p. 36.

que a educação integral também era um objetivo das escolas denominadas anarquistas, seja, “uma educação que vise a liberdade deve ser, necessariamente, uma educação integral, que forma o homem completo, inteiro, senhor de suas habilidades físicas, intelectuais e sociais [...]”¹¹. Os anarquistas não economizaram esforços em não somente apregoar seus ideais de peculiaridade revolucionária entre seus seguidores, mas zelou de forma relevante na educação em todos os seus âmbitos, sejam sexuais, culturais e sociais.

2. Traços Marcantes da Pedagogia Crítica

A Escola de Frankfurt atrelou-se de forma radical com as questões de seu tempo e os temas produzidos pela Teoria Crítica forneceram contribuições relevantes para a compreensão do conhecimento e da racionalidade ocidental.

A Teoria Crítica inaugurada pela Escola de Frankfurt, repercutiu de forma intensa no meio acadêmico de sua época, serviu de inspiração para as gerações seguintes e foi representada por: Max Horkheimer; Theodor Adorno; Herbert Marcuse; Walter Benjamin; Erich Fromm; Jürgen Habermas. Max Horkheimer (1895-1973) é considerado um dos mais expressivos integrantes da Escola de Frankfurt, que contribuindo com investigações filosóficas, concedeu relevantes subsídios para o fundamento crítico do pensamento. Freitag (1986) enfatiza que a Escola de Frankfurt refere-se a um grupo de intelectuais e a uma teoria social. Quando Horkheimer assumiu a gestão do Instituto de Pesquisa Social, em 1931, tinha como meta explorar “as interconexões entre a vida econômica da sociedade, o desenvolvimento psíquico do indivíduo e as transformações no domínio da cultura”¹². Geuss define a Teoria Crítica da seguinte forma:

[...] como guias para a ação humana, assim descritas: a) elas visam produzir esclarecimento entre agentes e os defendem, isto é, capacitando esses agentes a estipular quais são seus verdadeiros interesses; b) elas são inerentemente emancipatórias, isto é, elas libertam os agentes de um tipo de coerção que é,

¹¹ Ibidem, p. 75.

¹² PEUKERT, Helmut. Problemas básicos de uma teoria crítica da educação. Educação & Sociedade, Campinas/SP, ano XVII, n. 56, dezembro de 1996, p. 414.

pelo menos parcialmente auto-imposta, a auto-frustração da ação humana consciente¹³.

A Teoria Crítica pode ser dita como uma bússola para as ações dos homens, visando instigar esclarecimentos entre agentes almejando a sua defesa, ou seja, capacita tais agentes a definir quais são seus reais interesses; tem cunho emancipatório, isto é, alforriam os agentes de uma determinada repressão, seja ela uma escola que visa criar alunos dóceis e obedientes ou o sistema capitalista escravocrata que se impõe de forma praticamente automática, e inibe a ação humana de forma consciente.

A Teoria Crítica tem em sua essência até os dias atuais, o ideal iluminista de, por meio da Razão, emancipar o homem do jugo da repressão, da ignorância e da inconsciência, buscando, assim, transformar a sociedade. Pode-se analisar tal perspectiva sob três momentos da Escola de Frankfurt. Lima (2009) enfatiza que os principais enfocados na Teoria Crítica foram: a autoridade, o autoritarismo, o totalitarismo, a família, a cultura de massa, o papel da ciência e da técnica, a liberdade.

Pucci (1995) enfatiza que o primeiro momento tem início no Instituto de Pesquisa Social da Escola de Frankfurt, em 1922 e se estende até 1930, tendo como ícone a análise do texto 'Teoria Tradicional e Teoria Crítica, de Horkheimer. Em tal momento, a articulação entre as dimensões da negatividade dialética e de sua superação surgem com mais ênfase. Destaca-se que Horkheimer, sob o impacto da crescente influência do positivismo e do empirismo nas ciências sociais americanas (tinha se exilado nos Estados Unidos), mas contudo, ainda convicto que haveria possibilidade de transformações radicais na Europa, problematiza, de uma maneira sistematizada, o intenso e histórico tumulto entre o marxismo e o positivismo.

A Teoria Crítica pretende que os homens não aceitam com resignação a ordem totalitária, seja ela qual for, e que a razão humana, caracterizada como razão polêmica, se oponha com veemência à razão instrumental dos positivistas, e se expresse através de juízos existenciais que favoreçam a realização da autonomia e autodeterminação do homem.¹⁴

¹³ SOBREIRA, Antônio E. G. Pedagogia anarquista e ensino de geografia: conquistando cotas de liberdade. 2009. 332 f. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente/SP, 2009. Disponível em: <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bpp/33004129042P3/2009/sobreira_aeg_dr_prud.pdf> Acesso em: 14 jul. 2011, p. 33..

¹⁴ PRESTES, Nadja H. A razão, a teoria crítica e a educação. In: PUCCI, Bruno; ZUIN, Antonio Álvaro Soares. Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na escola de Frankfurt. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: Ed. da UFSCAR, 1995., p. 36.

Horkheimer diante dos acontecimentos de seu tempo, na tentativa de conceder densidade histórica à Teoria Crítica, define a função de dois grupos essenciais para a condução do processo de transformação da sociedade: os intelectuais e as minorias dirigentes. Pucci (1995) evidencia que Horkheimer ressalta a relevância e a oportunidade de os intelectuais servirem aos dominados. Ao mesmo tempo, revela a importância das minorias dirigentes, que pela sua diferenciada visão do mundo, pela solidez e lógica de suas teorias, podem ser mensageiras da verdade histórica e tem um papel vital na luta por uma sociedade menos injusta.

O segundo momento, refere-se aos textos desenvolvidos em pleno exílio de Horkheimer: *Dialética do Esclarecimento* (1947), *Eclipse da Razão* (1947) e *Minima Moralia* (1951). Especificamente no texto ‘*Dialética do Esclarecimento*’, Horkheimer e Adorno encaram a evolução da cultura nas modernas sociedades de consumo. Pucci entende que fica nítido em tal obra a afirmação da “onipresença da razão instrumental nas relações de comunicação, colocando-se, material e ideologicamente, a serviço dos interesses do capital.”¹⁵

A razão instrumental se apresenta, conforme Pucci (1995) com um controle quase total da natureza e com a tentativa de dominação absoluta do indivíduo da sociedade moderna, evitando a formação de indivíduos autônomos, que sejam independentes, aptos a julgar e decidir conscientemente. A sociedade capitalista moderna, mediante a razão instrumental, reproduziria a amplia os interesses dos dominantes. É possível perceber em tal texto, ainda é que:

[...] especificamente, é a afirmação, de um lado, a razão alienada por parte da grande maioria dos indivíduos, e, de outro lado, o resgate da razão crítica por parte de uma minoria, que consegue ir além dos fatos produzidos e reproduzidos, tentando resistir bravamente aos mil tentáculos de dominação, de repressão, de manipulação do sistema.¹⁶

A obra ‘*Dialética do Esclarecimento*’ evidencia, essencialmente, a razão alienada enraizada na maioria das pessoas de um lado; e de outro, o resgate da razão crítica por parte de alguns, que se desvinculam dos fatos produzidos e reproduzidos, resistindo de forma brava às raízes da dominação e da opressão. Para Freitag , a

¹⁵ PRESTES, Nadja H. A razão, a teoria crítica e a educação. In: PUCCI, Bruno; ZUIN, Antonio Álvaro Soares. *Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na escola de Frankfurt*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: Ed. da UFSCAR, 1995., p. 38.

¹⁶ *Ibidem*, p. 39.

“Dialética do Esclarecimento, reflete a atitude crítica com a qual Adorno e Horkheimer encaram a evolução da cultura nas modernas sociedades de massa, da qual os Estados Unidos seriam a versão capitalista mais avançada.”¹⁷

O terceiro momento refere-se às obras de Adorno: ‘Dialética Negativa’ (1965) e ‘Teoria Estética’, de 1970. Tais textos debatem duas realidades antagônicas: a exitosa experiência da Alemanha e também da Europa na construção da democracia e o receio constante e mordaz do recuo à barbárie do fascismo. No que se refere à Teoria Crítica depois do falecimento de seus maiores protagonistas, ou sejam, Adorno e Horkheimer, pode-se dizer, conforme Freitag (1986) que tal teoria continua se destacando não apenas pela sua capacidade de “preservar uma ‘escola do pensamento’, mas ao contrário, por sua capacidade de renovação, reformulação e autocrítica.” Pode-se mencionar que dentre as contribuições da Teoria Crítica à educação, destaca-se, a função educativa de refletir. Pucci (1995) declara que quando os dominados refletem, tornam-se esclarecidos a respeito de sua situação, enquanto classe, no contexto de opressão e exploração capitalista. Maclaren (1997) promulga que a Pedagogia Crítica examina as instituições escolares conforme seus contextos históricos e também como parte da teia social e política existentes que caracteriza a sociedade dominante. Os teóricos críticos têm como objetivo:

Fortalecer aqueles sem poder e transformar desigualdades e injustiças sociais existentes [...]. Os teóricos críticos argumentam que as escolas sempre racionalizaram a indústria do conhecimento em divisões de classe, que reproduzem desigualdade, racismo e sexismo; e que fragmentam relações sociais democráticas através de uma ênfase na competitividade e no etnocentrismo cultural.¹⁸

Entende-se que os teóricos críticos acreditavam que, existiria uma sistematização da transmissão de conhecimento que da classe dominante para a classe dominada, desconsiderando assim todo o capital cultural do aluno e impedindo em certa medida a autonomia dele.

¹⁷ Freitag, 1986, p. 20.

¹⁸ MCLAREN, Peter. A vida nas escolas: uma introdução a pedagogia crítica nos fundamentos da educação. 2. ed. Porto Alegre: Artes Medicas, 1997, p. 193..

3. Pedagogia Libertária e Pedagogia Crítica: Aproximações

Destaca-se que dentre os pilares fundamentais da pedagogia crítica está a política. Especificamente, no sentido de que a pedagogia crítica tem como bússola descobrir e desafiar o papel que as instituições escolares representam na vida política e cultural das pessoas. Maclaren (1997) observa que os teóricos educacionais críticos consideram a escolarização como um projeto político e cultural. Os teóricos críticos observam as escolas como instituições nas quais existem, ao mesmo tempo, formas de seleção, nos quais grupos privilegiados de educandos são favorecidos conforme sua raça, classe e também gênero. e como instituições para capacitação pessoal e social.

Os teóricos críticos entendem que os professores, devem se conscientizar que o papel da escola é “unir conhecimento e poder, para usar este papel no desenvolvimento de cidadãos críticos e ativos.”¹⁹. Relevante é observar que conferir poder não significa apenas auxiliar os estudantes a se envolverem com a sociedade presente em seu redor, mas sim fornecer a estes a possibilidade desenvolver uma coragem para mudar a ordem social. Neste ínterim, uma das características peculiares entre a Pedagogia Libertária e a Pedagogia Crítica estaria no entendimento de que faz-se necessário conferir poder aos alunos, para que estes desenvolverem coragem para mudar a realidade em que vivem. Outro ponto convergente entre tais teorias seria o combate à exclusão e às formas de exclusão.

Valladares (2005) lembra que os anarquistas enxergavam a educação como ferramenta para ajudar na transformação da consciência dos estudantes. Tal educação seria primordial para auxiliar os estudantes a ver o mundo sob outros prismas, diferentemente daquele forjado pelas ideologias que promulgavam a exclusão, a dominação e a exploração. Pucci (1995) aponta que para os teóricos críticos, a função da educação é instigar a reflexão. A educação é antes de tudo esclarecimento. A auto-reflexão é um elemento na luta pela emancipação. Por ela, os que são dominados podem ser melhor esclarecidos a respeito de sua situação, especificamente no tocante à sua classe, no ambiente de opressão e dominação peculiares do capitalismo. Geuss (1988) salienta que a teoria crítica considera a auto-reflexão como uma forma de desenvolver

¹⁹ MCLAREN, Peter. A vida nas escolas: uma introdução a pedagogia critica nos fundamentos da educação. 2. ed. Porto Alegre: Artes Medicas, 1997, p. 193.p. 192.

esclarecimento e emancipação. A induzir a auto-reflexão, a teoria crítica induz as pessoas a enxergarem que o ambiente de dominação no qual estão inseridos é auto-imposto.

Considerações Finais

A Pedagogia libertária tinha como traços marcantes uma educação alicerçada na liberdade, buscando desenvolver pessoas livres para formar uma sociedade também liberta. A educação seria o meio para a conquista da liberdade e uma forma dos indivíduos não ficarem alienados, mas sim, conscientes da importância da guerra pela liberdade, pelo fim da opressão e da dominação. A educação anarquista pregava que o homem tivesse uma formação integral, isto é, uma instrução que abrangesse o corpo e a mente, sem que estes ficassem separados. As instituições denominadas escolas anarquistas tinham dentre suas peculiaridades a abolição dos castigos e prêmios, por entenderem que estes promoviam a competitividade; incentivavam a solidariedade e a igualdade.

A Teoria Crítica, por intermédio dos teóricos críticos, tem como características marcantes desenvolver nas minorias o poder de transformar as disparidades e as tiranias existentes na sociedade. No contexto da educação, a Teoria Crítica entendia que a função da educação era instigar a reflexão, pois quando as classes dominadas refletem, se conscientizam a respeito de sua situação, caracterizada pela dominação, opressão, exclusão, desigualdade e injustiças. Por fim, no que se refere às aproximações entre a Pedagogia Libertária e a Pedagogia Crítica, pode-se mencionar o desenvolvimento da consciência e da reflexão sobre os malefícios que assombram a sociedade e a instigação a mudar tal realidade. Assim, as classes dominadas, por meio da educação, ficariam mais esclarecidas sobre sua situação, buscando por meio da auto-reflexão, saídas para aniquilar tais malefícios.

Referências

- FREITAG, Barbara. **A teoria crítica: ontem e hoje**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- GALLO, Sílvio. Educação e liberdade. In: FREITAS, Francisco Estigarribia de; CORRÊA, Guilherme Carlos. **Encontro de educação libertária: textos**. Santa Maria: UFSM, 1998.
- _____. **Pedagogia do risco**. Campinas: Papyrus Editora, 1995.
- GEUSS, Raymond. **Teoria crítica: Habermas e a Escola de Frankfurt**. Campinas: Papyrus, 1988.
- LIMA, Paulo Gomes. **Teoria crítica e educação**. Mato Grosso do Sul: Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, 2009. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/13497636/TEORIA-CRITICA-E-EDUCACAO-PROF-DR-PAULO-GOMES-LIMA-UFGD>> Acesso em: 10 fev. 2012.
- MCLAREN, Peter. **A vida nas escolas: uma introdução a pedagogia crítica nos fundamentos da educação**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Medicas, 1997.
- OITICICA, José. **A doutrina anarquista ao alcance de todos**. 2. ed. São Paulo: Econômica Ed, 1983.
- PEUKERT, Helmut. Problemas básicos de uma teoria crítica da educação. **Educação & Sociedade**, Campinas/SP, ano XVII, n. 56, dezembro de 1996.
- PEY, Maria Oly. Um pouco do que se pesquisou nas décadas de 80 e 90 sobre educação libertária. In: FREITAS, Francisco Estigarribia de; CORRÊA, Guilherme Carlos. **Encontro de educação libertária: textos**. Santa Maria: UFSM, 1998.
- PRESTES, Nadja H. A razão, a teoria crítica e a educação. In: PUCCI, Bruno; ZUIN, Antonio Álvaro Soares. **Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na escola de Frankfurt**. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: Ed. da UFSCAR, 1995.
- RODRIGUES, Edgar. **Os libertários: idéias e experiências anárquicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.
- SOBREIRA, Antônio E. G. **Pedagogia anarquista e ensino de geografia: conquistando cotas de liberdade**. 2009. 332 f. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente/SP, 2009. Disponível em: <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bpp/33004129042P3/2009/sobreira_aeg_dr_prud.pdf> Acesso em: 14 jul. 2011.
- VALLADARES, Eduardo. **A educação anarquista na república velha**. Verve, São Paulo, v. 7, 2005, p. 153-177. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5024>> Acesso em: 03 jan. 2011.
- VARES, Luiz Pilla. **O anarquismo: promessas de liberdade**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1988.